

ANÁLISE COGNITIVA DA CONSTRUÇÃO “# SÓ QUE NÃO”

COGNITIVE ANALYSIS OF THE “# SÓ QUE NÃO” CONSTRUCTION

Tharlles Lopes Gervasio¹

¹ Colégio Pedro II (CPII), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
tharllesloge@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4355-1139>

Recebido em 12 jul. 2020
Aceito em 11 ago. 2020

Resumo: Neste artigo, analisamos a construção “#SóQueNão”, empregada como recurso irônico em interações estabelecidas por meio de postagens escritas na muito utilizada rede social *Facebook*, gênero digital multimodal. Na rede social em questão, podemos notar grande frequência de uso da construção tema de nosso trabalho, principalmente sob a forma das *hashtags* “#SóQueNão” ou “#SQN”. Tomamos por base pressupostos teóricos ancorados na Linguística Cognitiva, sobretudo, a Gramática de Construções, de Goldberg (1995) e a Mesclagem Conceptual, de Fauconnier e Turner (2002). Busca-se mostrar que as extensões de sentido veiculadoras da ironia – entendida segundo Coulson (2001; 2005) – são fornecidas pragmaticamente, a partir do contexto de uso dessa expressão. A ironia é um recurso linguístico muito utilizado nos mais variados textos da modalidade escrita e oral. Acrescenta-se, ainda, que ao utilizar tal recurso, o escritor/falante intenta dizer ao leitor/ouvinte o contrário do que diz, contradizendo ou mesmo invectivando, de algum modo, a si próprio ou ao outro. A análise revelou que “#SóQueNão”, além de marcar discursivamente o efeito de ironia, desempenha, nas porções textuais em que figura, o papel de gatilho para oposição das ideias apresentadas. Verificamos, também, que a real compreensão dos efeitos de sentido da construção “#SóQueNão” apenas se torna possível dentro de um dado contexto de uso, o que reitera, desse modo, a importância do cenário comunicativo.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Mesclagem Conceptual. Gramática de Construções. Ironia. Linguagem Virtual.

Abstract: In this article, we analyze the construction “#SóQueNão”, used as an ironic resource in interactions established through written posts on the used social network *Facebook*, a multimodal digital genre. In this social network, we can notice a high frequency of use of the construction theme of our work, mainly in the forms of the *hashtags* “#SóQueNão” or “#SQN”. We base it on theoretical assumptions anchored in Cognitive Linguistics, above all, the Construction Grammar, by Goldberg (1995) and the Conceptual Blending, by Fauconnier and Turner (2002). We also seek to show that the extensions of meaning that convey irony – understood according to Coulson (2001; 2005) – are provided pragmatically, from the context of use of this expression. Irony is a linguistic resource widely used in the most varied texts in the written and oral modality. We can also add, when using such a resource, the writer / speaker tries to tell the reader / listener the opposite of what he/she says, contradicting or even invectivating in some way, himself/ herself or the other. The analysis revealed that “#SóQueNão”, in addition to discursively marking the effect of irony, plays, in the textual portions in which it appears, the role of triggering the opposition of the ideas presented. We also see that the real understanding of the meaning effects of the construction “#SóQueNão” is only possible within a given context of use, which thus reiterates the importance of the communicative scenario.

Keywords: Cognitive Linguistics. Conceptual Blending. Construction Grammar. Irony. Virtual Language.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste trabalho, propomos apresentar algumas reflexões e análises a respeito da construção “#SóQueNão”, sintetizada como construção “#SQN”, em postagens extraídas da rede social de grande difusão global *Facebook*. Tal construção, que se faz tipicamente presente em textos informais, tem seu emprego muito frequente na internet e serve para indicar, sobretudo, ironia nos *posts* em que figura.

Para a real compreensão das extensões de sentido dessa construção que muito se aproxima da modalidade oral de uso da língua, optamos por selecionar publicações que apresentavam seu emprego nos mais variados contextos discursivos. Escolhemos, ainda, contextos os quais permitissem que o leitor do texto lançasse mão de seu conhecimento de mundo ao máximo e fosse capaz de ativar os devidos armazenamentos de sua memória como usuário da língua, para que houvesse, assim, a devida apreensão do papel semântico-pragmático desempenhado por “#SóQueNão”.

Nosso objetivo consiste em evidenciar o papel desempenhado por essa construção como gatilho para expressão de ironia e/ou humor em postagens do *Facebook*. Para tal, em razão do caráter interacional desse tipo de comunicação, consideramos os *posts* atos de fala que exprimem o ponto de vista dos usuários dessa rede social sobre os mais diversos assuntos. Nesse cenário comunicativo, “#SóQueNão” atua como elemento que ativa enquadres para conceptualização dos pontos de vistas defendidos

Este estudo se baseia em assunções basilares da Linguística Cognitiva. Nosso entendimento do termo “construção” estabelece-se de acordo com a visão apresentada na Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995), da mesma forma que fazemos uso dos pressupostos teóricos que regem a Mesclagem Conceptual, proposta por Fauconnier e Turner (2002). Para melhor compreensão do caráter irônico do nosso objeto de estudo, ancoramos nosso estudo de acordo com o que postula Coulson (2001; 2005) a respeito da ironia.

Com o intuito de perseguir nossos objetivos, este estudo está dividido em seis partes. Após estas considerações iniciais, apresentamos, de maneira sucinta, os princípios fundantes da Linguística Cognitiva. Em seguida, passamos a uma breve reflexão sobre a relação entre a mesclagem conceptual e a ironia. Depois disso,

tratamos dos pressupostos metodológicos que embasam este trabalho. Na sequência, chegamos à análise dos nossos dados. Finalmente, traçamos algumas considerações finais e listamos as referências utilizadas neste artigo.

LINGUÍSTICA COGNITIVA: ASSUNÇÕES BASILARES

A Linguística Cognitiva (LC) encara uma concepção de língua sob uma ótica não modular, na qual não há uma dissociação dos princípios atuantes na linguagem de outras habilidades balizadas na cognição, tal como a união entre língua e conceptualizações. Assim, na LC, o sentido não é tido como reflexo do real, tal como se acredita em abordagens formais. Pelo contrário, na LC, o significado é tido como algo construído por meio da experientiação do humano com o mundo a sua volta.

Como afirma Fauconnier (1997, p. 1), “a linguagem é a ponta visível do *iceberg* da construção invisível do significado”, ou seja, as palavras não portam em si a totalidade do significado. Fauconnier (1994, p. xxii), ao afirmar, também, que a “linguagem não carrega o sentido, mas o norteia”, fez dessa máxima uma das premissas basilares da LC. Uma hipótese bastante cara à LC, portanto, é a noção de que a linguagem não é um sistema autônomo, mas sim um meio de gerenciamento, processamento e propagação de conteúdo semântico-pragmático.

Consoante Lakoff e Johnson (1999), a LC está balizada nas impactantes premissas de que conceitos abstratos são construídos através de metáforas; o raciocínio é, mormente, inconsciente e a mente é, em sua essência, corporificada. Lakoff e Johnson (1999) asseveram, ainda, que, devido às experiências corpóreas de cada ser, todo e qualquer indivíduo vivo é capaz de categorizar. Entre os seres, o que interfere é o nível de sensibilidade e capacidade que cada um possui para a manipulação de objetos.

Desse modo, compreendemos que categorias são formadas tendo como ponto de partida a experiência e são agrupadas em protótipos, em que se torna possível a realização de associações imaginativas balizadas no ato de categorizar. Daí, surgem os chamados “esquemas imagéticos” (*image schemas*), que podem ser compreendidos, segundo Croft e Cruse (2004, p. 45), como versões esquemáticas de imagens, isto é, padrões esquemáticos os quais partem de

domínios imagéticos – tais como “contêiner, trajetória, ligações, força e equilíbrio” (LANGACKER, 1991, p. 399) – e que estruturam a experiência balizada no corpo.

Assim sendo, toda conceptualização humana é elaborada por um esquema imagético. Isso acaba por reafirmar a ideia proposta pela ciência cognitiva de que os conceitos humanos e a memória passam pela corporificação.

Vale ressaltar, ainda, que, embora, nos fins dos anos 70, a LC tenha ganhado peso como posição linguística, ela nunca se caracterizou como uma teoria unificada da linguagem. Isso significa dizer que a LC é, portanto, um “arquipélago”, como assevera Geeraerts (2006, p. 2), por conglomerar, em seu interior, diversas abordagens que coincidem entre si em suas assunções fundamentais.

Sinteticamente, a LC põe em xeque o caráter arbitrário da análise formalista para significado dos termos, ressaltando, ao contrário, que não é cabível olhar para a forma de algo e ditar seu significado. Em outros termos, a LC problematiza a impossibilidade de se ter uma semântica desvinculada de um contexto pragmático. Para a análise do nosso objeto, a construção “#SóQueNão”, tomamos como necessária, do “arquipélago” de que se constitui a LC, a compreensão da Mesclagem Conceptual (MC) – também tratada como Integração Conceptual.

O ELO ENTRE MESCLAGEM CONCEPTUAL E IRONIA

De acordo com Fauconnier e Turner (2006, p. 306-307), embora se discuta que a mesclagem seja uma operação cognitiva básica, devemos levar em consideração que ela opera em muitos tipos de casos diferentes. Desse modo, segundo os autores citados, a mesclagem é uma operação que incide sobre redes de integração conceituais, ou seja, recai sobre redes que envolvem muitos espaços mentais.

Por ter um caráter processual dinâmico e que pode ocorrer repetidamente em algumas redes, a mesclagem pode se dar em diversos desses locais. Devemos ressaltar, pois, que o modelo de rede tem relação com o processamento *online* decorrente da interação, isto é, tem relação com a dinâmica cognitiva dos usuários da língua com a finalidade de construir significados que atendam a propósitos contextuais, como afirmam Fauconnier e Turner (2006, p. 312).

Inspirada pelos trabalhos de Fauconnier (FAUCCONNIER, 1997; FAUCCONNIER; TURNER, 2002), Pina (2006, p. 293) compreende a MC como uma

operação cognitiva básica do homem, que governa uma parte da criatividade (produção de novos *links*, novas configurações e novos significados e conceitos correspondentes) e que depende dos mapeamentos cognitivos entre os espaços mentais.

Desse modo, entendemos, tal como observamos em Fauconnier (1997), que primordiais para a mesclagem (*blending*) ou integração são a projeção, em parte, dos *inputs*, o mapeamento entre domínios, o espaço genérico, a mescla de entidades ou eventos e a estrutura emergente. Conforme apontam Fauconnier e Turner (2002, p. 92), não estabelecemos espaços mentais, conexões e mesclas por acaso. Pelo contrário, agimos dessa forma porque essas operações nos propiciam um *insight* global, um entendimento em escala humana e, ainda, uma nova significação, fazendo-nos eficientes e criativos.

Para os autores, a *compressão* alcançada por meio da mescla entre relações conceptuais, as quais são denominadas *relações vitais*, constitui um dos traços mais importantes de nossa eficiência, *insight* e criatividade. Fauconnier e Turner (2002, p. 92-101) apontam algumas das *relações vitais* normalmente encontradas nas compressões dos processos de integração conceptual, a saber: tempo; espaço; representação; mudança; papel-valor; analogia; desanalogia; parte-todo; causa e efeito; intencionalidade. Algumas dessas relações vitais são recrutadas em nossa análise, recebendo, oportunamente, maior detalhamento.

Durante o nosso levantamento de dados, pudemos também perceber, numa primeira leitura do material, que o usuário da construção “#SóQueNão” tentava – sutilmente ou não – esboçar em seu texto o caráter irônico. Segundo Neves (2006, p. 81),

a ironia opera uma atividade cognitiva diferente da negação direta, tanto na sua estruturação – o irônico tem função comunicativa, é marcadamente informativo, não envolve escala interpretativa, gera sempre uma implicatura, viola a requisição da informatividade, detona uma operação de processamento duplo –, quanto nos seus efeitos de sentido – por exemplo, enquanto a ironia é uma estratégia de polidez, a negação direta é um ato ameaçador da face. Além disso, a ironia é recurso mais complexo do que a negação explícita e espraia seus objetivos a pontos inatingíveis para a forma de negar diretamente (pelo menos, de forma tão econômica).

Neves (2006, p. 81) afirma que a ironia é resultado do processamento cognitivo da mesclagem. Nessa operação haveria, então, a projeção parcial entre dois espaços mentais, os quais, por sua vez, possibilitariam uma correspondência entre

elementos análogos (cf. FAUCONNIER, 1997; COULSON, 2001; FAUCONNIER; TURNER, 2002). O que devemos considerar é que, no contexto discursivo permeado de linguagem irônica, como assevera Coulson (2005, p. 8), “o ouvinte é confrontado com uma mescla a qual deve se desempacotar em dois espaços: um espaço de reação esperada e um espaço de gatilho contrafactual¹”. Sobre as expressões irônicas, Coulson (2005, p. 3) disserta que

declarações sarcásticas são relevantes porque lembram o ouvinte de uma declaração anterior, ou norma compartilhada que rege expectativas. Além disso, essa menção ecóica sustenta que a função comunicativa de um discurso irônico é transmitir a atitude do falante para a declaração ou norma que está sendo ecoada² (COULSON, 2005, p. 3).

Desse modo, segundo Coulson (2005), as expressões que indicam ironia são importantes pelo fato de evocarem na mente do ouvinte uma asserção prévia ou uma regra compartilhada capaz de cercear expectativas manifestas no momento da elocução. Isso faz da atitude do enunciador ou da regra compartilhada a função comunicativa central do discurso irônico.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Buscamos nossos dados em postagens publicadas no *site* www.facebook.com, em virtude de sua grande difusão e de seu número de usuários. Nossa procura se deu por meio das *hashtags*³ “#SóQueNão” ou “#SQN”. Para tanto, utilizamos o espaço para buscas, disponível no endereço eletrônico mencionado. Como nossa análise é de caráter, principalmente, qualitativo, recolhemos um total de 43 ocorrências em que nosso objeto de estudo se fazia presente, a fim de verificar seu emprego nessas produções escritas, em uma perspectiva sincrônica. Contudo, por

¹ “(...) the listener is confronted with a blend that she must unpack into two input spaces: an expected reaction space and a counterfactual trigger space”.

² “Sarcastic utterances are relevant because they remind the listener of an earlier statement, or shared norm that governs expectations. Moreover, echoic mention theory holds that the communicative function of a sarcastic utterance is to convey the speaker's attitude towards the statement or norm that is being echoed”.

³ Segundo informações disponíveis no *site* <http://portugues.uol.com.br>, o uso de *hashtags* serve para “indexar um tópico ou assunto nas redes sociais com o objetivo de permitir o acesso de todos a uma determinada discussão, já que, ao clicar nas *hashtags*, elas transformam-se em *hyperlinks* (hiperligação de um texto a outros documentos, resultando em um hipertexto).”

uma questão de espaço, na análise presente neste artigo, apresentamos apenas alguns dados mais elucidativos, acreditando conseguiremos explicitar por meio dos exemplos apresentados o nosso propósito analítico.

Desse modo, propomos, nesse estudo, uma análise descritivo-interpretativa dos dados com base no arcabouço teórico já mencionado. No que se refere à interpretação dos dados, optamos pela compreensão do modo como a construção “#SóQueNão” incide sobre os contextos de uso.

Consideramos o contexto uma atmosfera linguística largamente estabelecida, levando em consideração propriedades morfológicas, fonológicas, sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas, em concordância com o que apontam Traugott e Trousdale (2013). Acreditamos que a escolha pela análise da construção em contextos maiores facilita a compreensão do papel desempenhado por ela em seus âmbitos discursivos e do processo de mesclagem conceptual ali presentes. Nesse sentido, a construção a qual constitui o objeto de nosso estudo será analisada de acordo com sua aplicação discursivo-pragmática dentro das conjunturas dadas.

Sobre o fator organizacional, vale mencionar que a numeração de figuras é feita de maneira corrida, sem recomeços ou interrupções. Todos os dados têm como fonte o *Facebook*, apresentam mês e ano de publicação indicado entre parênteses ao final do texto e possuem sua autoria ocultada. Em determinados casos, as datas apresentadas ao final do texto da postagem auxiliam na compreensão do momento histórico em que ela foi publicada, orientando, por conseguinte, o entendimento do processo de mesclagem. Outrossim, os textos que compõem o nosso *corpus* estão alinhados mais à direita, com fonte de tamanho menor e espaçamento simples; arranjados, também, em uma sequência numérica em ordem crescente.

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO #SÓQUENÃO

Nesta seção, apresentamos a análise da construção “#Só Que Não (ou #SQN)”, a fim de que se compreenda seus efeitos de sentido ou mesmo a sua força semântico-pragmática ao ser empregada em uma postagem. Contudo, por uma questão de limitação de espaço, como já mencionado, não é possível apresentar aqui todos os exemplos encontrados, com suas respectivas análises

correspondentes. Nesse sentido, optamos por apresentar mais detalhadamente três postagens, acompanhadas de dados ilustrativos, extraídos do nosso *corpus*.

Em todas as configurações de redes propostas para este momento de nosso estudo, a linha contínua espessa representa a projeção entre os elementos dos *inputs* ativados para construção de sentido das postagens. As linhas contínuas que ligam os espaços mentais abertos durante o processo de integração demonstram a ativação em conjunto desses espaços. As linhas tracejadas assinalam os elementos projetados seletivamente no espaço mescla, para conceptualização do sentido concebido para o *post*.

O quadrado que envolve toda a rede acionada para construção de sentido das postagens representa a base comum para conceptualização das postagens como atos de fala comunicativos por meio dos quais os usuários do *Facebook* exprimem seus pontos de vista. Nesse sentido, nossa análise aproxima-se de desenvolvimentos da Teoria dos Espaços Mentais (por exemplo, SANDERS; SANDERS; SWEETSER, 2009) que concebem espaços básicos para comunicação.

Assim, devido ao caráter interacional de redes sociais como *Facebook*, consideramos que os *posts* analisados podem ser conceituados como atos de fala (com base em AUSTIN, 1990; SEARLE, 1991), na medida em que seus usuários não apenas registram, mas demonstram suas atitudes em relação ao que expressam nesse cenário comunicativo. A força de tais atos de fala pode ser oriunda de seu caráter publicizante, que permite o envolvimento de vários participantes nas interações.

Nesta proposta de análise, um espaço mental de ato de fala é aberto para expressão do ponto de vista do internauta do *Facebook*, fornecendo uma base para ativação da rede de espaços para construção do sentido da postagem. Esse espaço de ato de fala abarca aspectos experienciais relacionados a esse tipo de conceptualização, a saber: conhecimento dos atores do cenário comunicativo que interagem via postagens escrevendo, curtindo ou debatendo o conteúdo e seus papéis sociais ou imagem construída. A partir desse espaço de ato de fala, outros espaços mentais para a construção do sentido do conteúdo postado são ativados: conhecimento da realidade social e cultural, bem como conhecimentos armazenados e experienciados sob a forma modelos cognitivos idealizados, são ativados nas redes de integração postuladas.

Vejamos:

(01) “Eu sou um Coxinha e eu voto no PMDB e no PSDB porque eu não prestei muita atenção nas aulas de História e Geografia e nem imagino o que aconteceu no Brasil entre 1960 e 2000...” **#SQN** (08/2014)

Em (01), a primeira oração (“Eu sou um Coxinha”), a qual dispõe do termo “coxinha”⁴ – gíria muito utilizada em São Paulo e de uso espraiado pelas redes sociais para designar “pessoa abastada, de boa condição financeira” –, como um qualificador do (“Eu”) – autor da postagem –, notamos a ativação de uma referência que só se torna compreensível caso o leitor compartilhe do conhecimento dos espaços comunicativos em que se insere a gíria. Essa postagem teve sua elaboração, praticamente, às vésperas das eleições de 2014, quando seriam eleitos o presidente da república e, em cada estado, o governador, um senador e, ainda, deputados federais e estaduais.

Ao mencionar partidos políticos (“PMDB” e “PSDB”), considerados de direita e considerados favorecedores da classe dominante, no trecho “eu voto no PMDB e no PSDB porque eu não prestei muita atenção nas aulas de História e Geografia”, o internauta sugere também a formação da leitura que culminará na ironia ativada pela construção “#SóQueNão” (“**#SQN**”).

Desse modo, a rede de integração para conceptualização do *post* com a presença da dada construção apresenta a seguinte configuração:

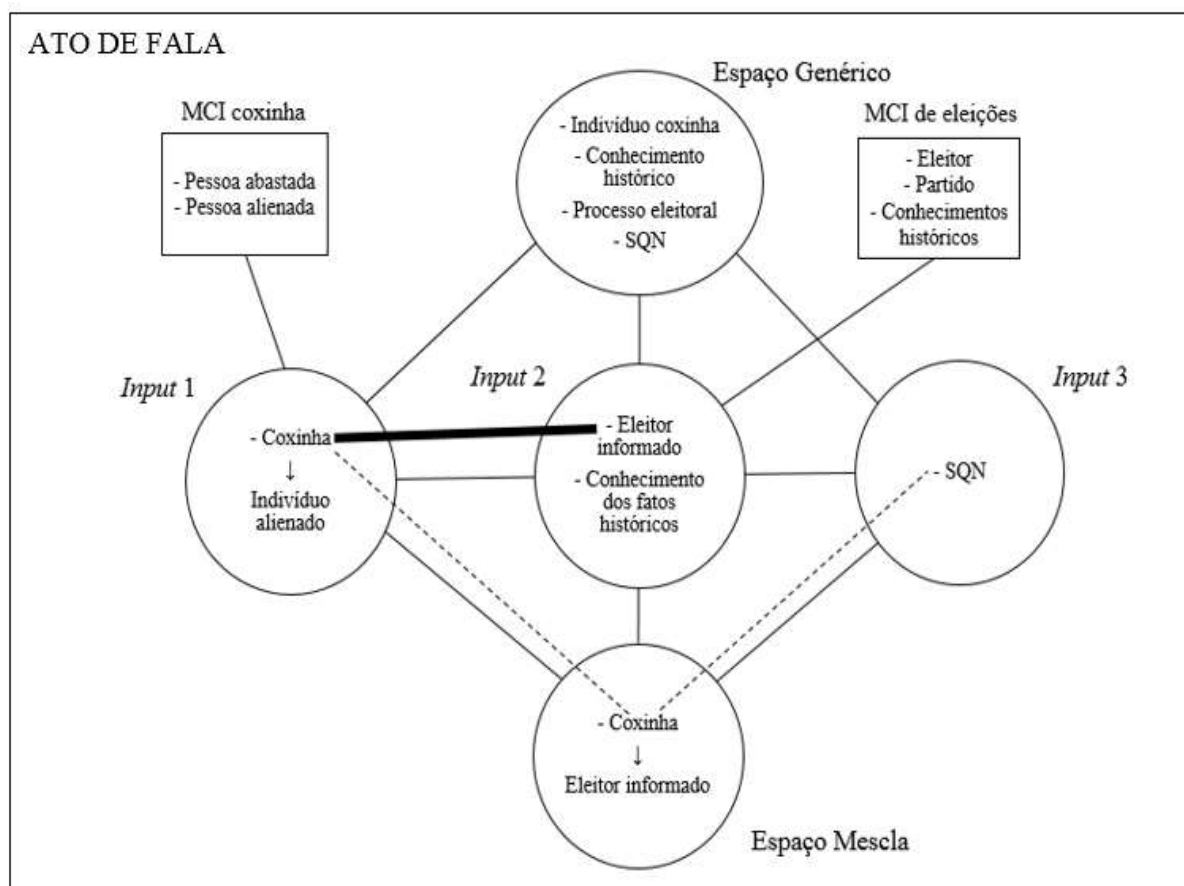
- Espaço-*input* (1) – Há um indivíduo alienado e que vota em determinado partido, não se importando com a realidade de seu país. É ancorado pelo modelo cognitivo idealizado de “coxinha”.
- Espaço-*input* (2) – Composto de elementos relativos aos fatos acontecidos no Brasil durante os anos por parte dos partidos PMDB e PSDB e abarca, ainda, o eleitor informado. Está ancorado pelo MCI de eleições.
- Espaço-*input* (3) – Abarca os efeitos de sentido promovidos pela construção “SQN”.

⁴ Sobre a gíria, verificar matéria da *Folha de São Paulo* em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2012/04/1078798-tipicamente-paulistana-giria-coxinha-tem-origem-controversa.shtml#:~:text=Esp%C3%A9cie%20paulistana%20que%20vem%20acompanhada,e%20%22criado%20pela%20av%C3%B3%22>.

- Espaço genérico – Configurado com a compressão de um indivíduo abastado, dito “cozinha”, que votaria nos partidos mencionados por não ter prestado atenção nas disciplinas de história e geografia e o indivíduo, na realidade, crítico que não votaria em tais partidos por reconhecer suas ações políticas no período histórico entre os anos 1960 e 2000. Compreende, ainda, o processo eleitoral como um todo e a construção “SQN”.
- Espaço-mescla – Resultado das contrapartes projetadas dos dois *inputs* interligados que nos leva a compreender a ludicidade irônica marcada no *post* pelo emprego do “#SQN”.

A rede de integração postulada para a conceptualização da ironia presente em (01) é apresentada na Figura 1:

Fig. 1 – Mesclagem para o *post* (01)



Fonte: O autor, 2020.

Em (01), a relação analógica contrafactual entre os conceitos de “cozinha” e “eleitor informado”, estabelecida na projeção entre tais conceitos aberta pelos *inputs* 1 e 2, é cancelada pela ativação do papel da semântico-pragmático da construção “#SóQueNão” ativado pelo *input* 3, ao ser projetado no espaço mescla.

A desconstrução do conceito de “cozinha” como “eleitor informado”, promovida pela expressão “#SóQueNão”, ocorre por meio de uma (des)compressão da relação vital de IDENTIDADE, já que a pessoa “cozinha” explícita no *post* é uma representação da pessoa implícita em “só que não” (#SQN) (o criador da postagem), que intenta se opor, ironizar e, sobretudo, criticar e invectivar a postura daqueles que votam em tais partidos. Essa forma de ironia revela uma compressão por INTENCIONALIDADE, porque o autor do *post* exerce sua crítica aos eleitores dos partidos citados. Há também uma compressão da relação vital de TEMPO, pois o autor mostra que, por ser conhecedor dos fatos acontecidos no passado, entre os 1960 e 2000, recusa-se, no presente, a votar nos partidos de direita.

Observemos o exemplo (02) a seguir:

(02) Não é por nada não, mas tá cheio de gente por aí que acha que vai resolver os problemas mandando indiretinha pelo Face. Ridículo.#CoisasQueIrritam #PisaNaFalsidade #FalaNaCara #IndiretasJá#SóQueNão #EntendedoresEntenderão #QuemÉSabe#ToFalandoContigoMesmo #CarapuçaServiu #SeToca #BeijoNãoMeLiga#CompartilhaAe #PiranhaGolpista. Com vocês mais um vídeo original do ZZZ. (01/2015)

No dado acima, seu autor faz, em seu depoimento, justamente uma crítica a pessoas que não têm coragem de falar as coisas de modo direto a seus pares e lançam mão de recursos como os da indireta. Esse sentido pode ser observado na sentença como “acha que vai resolver os problemas mandando indiretinha pelo *Face*”, ou ainda pelo adjetivo “ridículo”, em referência a esse tipo de ação.

Ressaltemos, ainda, que, em termos morfossemânticos, construções compostas pelo sufixo de diminutivo “inho(a)”, se levados em conta seu contexto, podem adquirir força depreciativa ou pejorativa, como fica flagrante no termo “indiretinha”. Essa sufixação também contribui para uma conceptualização de algo pequeno, desprezível, isto é, para uma avaliação negativa a respeito do ato de mandar indiretas ao próximo.

Ademais, observamos em (02) usos de *hashtags*, que funcionam como indicadores temáticos da postagem. Assim, essas marcações pelo símbolo do jogo

da velha aparecem como uma espécie de recurso multimodal auxiliador na sinalização de uma sequência textual temática relacionada de modo intrínseco ao contexto maior apresentado no *post*.

Usos tais quais os que figuram em (02) corroboram a ideia de que o advento da internet muito modificou a prática de utilização da linguagem. A postagem acima tem, em sua sequência, a apresentação de um vídeo em que seu personagem central publica *posts* no *Facebook* com diversas indiretas, ou seja, alusões ou insinuações feitas com disfarce direcionadas a seus colegas em um setor de trabalho. A marcação de *hashtags* em sentenças como “#CoisasQueLrritam” ou mesmo expressões idiomáticas de conhecimento cultural, como “#PisaNaFalsidade”, “#FalaNaCara”, servem, ainda, como sinalizadoras do cenário apresentado na publicação e sugerem um *frame* de relações interpessoais.

Na formação que antecede o “#SóQueNão”, podemos observar uma alusão ao movimento político democrático corrido na segunda metade da década de 80 com o nome de “Diretas Já”⁵, o que acaba sugerindo a ativação de um *frame* de acontecimento político. A expressão “#IndiretasJá” funciona como gatilho para ativação desse *frame* devido à relação formal entre as palavras “diretas” e “indiretas” associadas ao termo “já”, por meio da relação vital de ANALOGIA, que será comprimida na relação vital de CATEGORIA, na medida em que um novo sentido será construído para a expressão “indiretas já”, a saber: uma reivindicação do autor da postagem para que a forma de comunicação entre colegas de trabalho mude.

Esse raciocínio, aparentemente simples e automático, revela também a ativação da compressão da relação vital de SIMILARIDADE, ligada à capacidade cognitiva de percepção de propriedades comuns partilhadas entre o evento político reivindicatório e o ato de não se comunicar por meios de atos de fala indiretos; logo, a defesa do fim das “indiretas”, assim como se defendeu o voto direto. Portanto, em #IndiretasJá#SóQueNão, ocorre as compressões das relações vitais de ANALOGIA, SIMILARIDADE, TEMPO e CATEGORIA, em razão da retomada de um evento político dos anos de 1980 que serão comprimidas no espaço mescla.

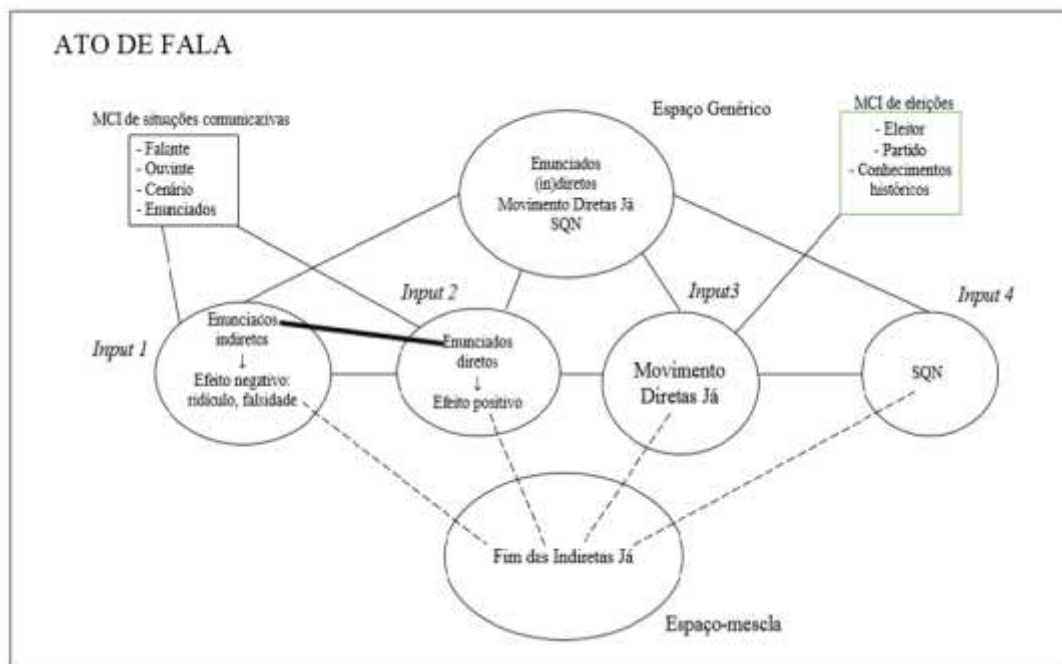
⁵ Segundo informações disponíveis em: http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/diretas_ja.htm, “Diretas Já foi um movimento político democrático com grande participação popular que ocorreu no ano de 1984. Este movimento era favorável e apoiava a emenda do deputado Dante de Oliveira que restabeleceria as eleições diretas para presidente da República no Brasil”.

A construção de sentidos por meio dessas compressões requer, mais uma vez, um conhecimento de mundo bastante específico por parte do conceptualizador. Essa e as demais *tags* subsequentes à construção “#SóQueNão” funcionam como âncoras, para que os leitores ativem enquadres cognitivos que fundamentam a mescla para conceptualização da ironia, bem como um reforço da crítica e da defesa do autor da postagem acerca da forma como ocorre a interação no ambiente de trabalho.

Com base nisso, a rede de integração para conceptualização de (02) apresenta a seguinte configuração:

- Espaço-*input* (1) – Contém a crítica proposta pelo autor a quem faz indireta. Está ancorado pelo MCI de situações comunicativas.
- Espaço-*input* (2) – Contém o posicionamento de que enunciados diretos geram efeitos positivos. É também ancorado pelo MCI de situações comunicativas.
- Espaço-*input* (3) – Abarca elementos relativos ao *frame* de movimento político de grande reverberação social, sendo utilizado como rejeição ao uso das indiretas.
- Espaço-*input* (4) – Abarca os efeitos de sentido promovidos pela construção “#SQN”.
- Espaço genérico – Apresenta um mapeamento entre os quatro espaços *input*, conectando várias de suas propriedades, de modo a mantê-las acessíveis durante o processo de construção de sentido, via mesclagem.
- Espaço-mescla – Possui estrutura emergente própria, possibilitando a construção do caráter irônico para negação da ação de se jogar indiretas.

A rede de integração proposta para a compreensão dos enunciados propostos em (02) é apresentada na Figura 2:

Fig. 2 – Mesclagem para o *post* (02)

Fonte: O autor, 2020.

O emprego da construção “#SóQueNão” no interior da postagem torna flexível as fronteiras expressivas da compreensão da “indireta” e, sobretudo, da ironia. Notamos, também, na mescla, uma compressão das relações vitais de CAUSA-EFEITO e de REPRESENTAÇÃO, marcada pela projeção entre os *inputs* 1 e 2. A compressão dessas duas relações vitais está ligada ao fato de o conteúdo do *post* tratar de um ato de fala que se remete aos efeitos danosos das interações entre as pessoas que adotam um estilo indireto de se representar. Em outras palavras, a postagem trata da forma como esse tipo de estratégia discursiva está representado nas interações.

A ANALOGIA com o movimento político das “Diretas Já”, aberta no *input* 3, comprime a INTENCIONALIDADE panfletária do autor da postagem, com vistas ao fim do uso de indiretas na comunicação, que, associado ao sentido da construção “#SóQueNão” do *input* 4, ocorrerá na estrutura emergente do espaço mescla. Esse sentido ativado pela projeção dos elementos dos quatro espaços mentais de *input* marca ponto de vista do autor do *post*, endossando a crítica a respeito das indiretas e justificando, acima de tudo, seu real posicionamento contra quem utiliza tal estratégia comunicativa.

Observemos, agora, outro dado:

(03) Como sabemos todos, o nosso governador do estado de SP, sua nobre família e seu séquito de assessores costumam dar o exemplo e alimentar-se frequentemente no restaurante Bom Prato ali do lado do Palácio dos Bandeirantes. Porque ficar ao lado dos que mais precisam é o “forte” desse governo. **#SQN** (08/2014)

A ocorrência (03), que sugere a divulgação de uma opinião crítica pessoal a uma figura política, traz à baila o episódio em que o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin visita um restaurante de nome “Bom Prato”. Tido como “popular”, esse restaurante, segundo informações do portal de desenvolvimento social do Estado de São Paulo⁶, serve, diariamente, refeições à população de baixa renda com o custo de R\$ 1,00.

A opinião crítica é construída por meio de uma associação multimodal entre texto e imagem – foto do governador Alckmin almoçando sorridente em meio a pessoas carentes. Há, no texto, um exagero do uso de termos de erudição como “nobre” e “séquito”; de sentenças de preservação da face em “como sabemos todos” –, em que o interlocutor é envolvido como participante crítico na construção do *post*, como conhecedor da situação e, portanto, adepto da mesma tese – e, ainda, verbo pronominalizado na posição enclítica como “alimentar-se”. Todos esses elementos parecem querer abrir espaço para a contrafactualidade que baliza a publicação.

Por meio de nosso conhecimento de mundo, sabemos que, no Brasil, não é de praxe a frequência de governantes e seus assessores a locais considerados como destinados ao “povão”. Outro fator relevante para ironia é que o cenário “Palácio dos Bandeirantes”, moradia do governador de São Paulo, é situado no bairro nobre do Morumbi, bairro distinto do local em que se encontra o restaurante popular mencionado. Isso ativa, na conceptualização do leitor, um modelo cognitivo idealizado de riqueza e relações hierárquicas de poder.

Um dos pontos centrais de ironia do *post* fica deflagrado por meio de sua última asserção “Porque ficar do lado dos que mais precisam é o “forte” desse governo”, a qual apresenta o termo “forte” marcado por aspas, recurso gráfico muito utilizado, quando se quer reproduzir na escrita sentido distinto para o termo usado, reiterando

⁶ Informações disponíveis em: <http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/portal.php/bomprato>.

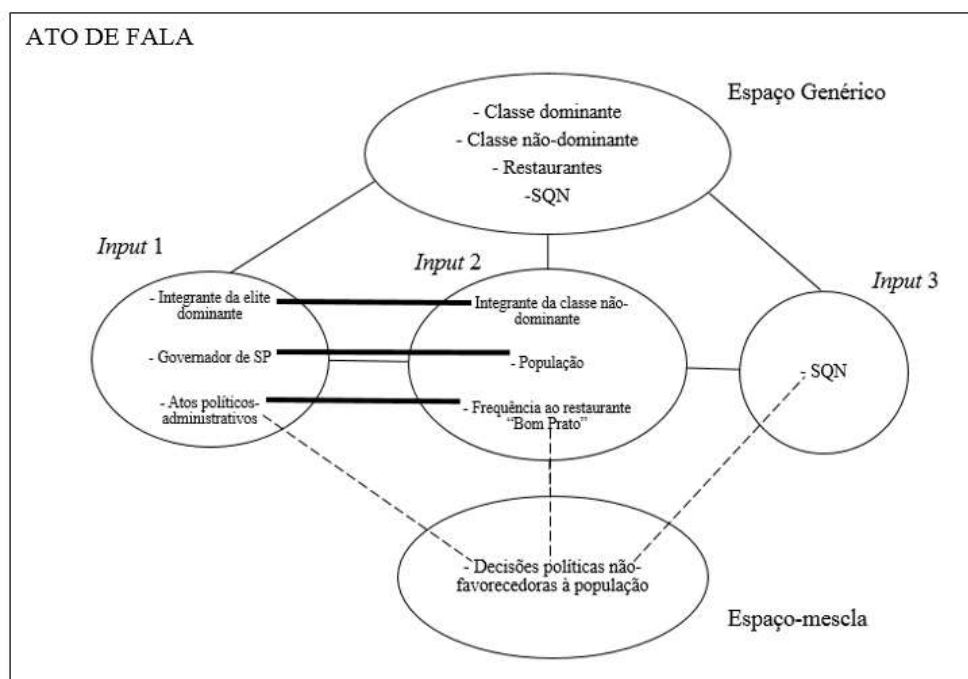
a ironia da postagem. Essa é ativada pelo uso da construção de oposição irônica em sua forma abreviada “#SQN”.

Sendo assim, a rede de integração para conceptualização de (03) apresenta a seguinte disposição:

- Espaço-*input* (1) – Contém a figura do governador do estado de São Paulo e de todo o seu “séquito de assessores”, em seus atos políticos.
- Espaço-*input* (2) – É estruturado pelo *frame* organizacional de elementos de um restaurante simples, voltado à população, classe não-dominante.
- Espaço-*input* (3) – Construção “SQN”.
- Espaço genérico – É estruturado pela ideia de que políticos brasileiros, em geral, não frequentam locais destinados ao público não-abastado. Classe dominante não se mistura à classe dominada.
- Espaço-mescla – Apresenta o sentido de que as decisões políticas do governador não são favorecem à população (classe não-dominante).

A rede de integração proposta para a conceptualização e depreensão da ironia presente em (03) é mostrada na Figura 3:

Fig. 3 – Mesclagem para o post (03)



Fonte: O autor, 2020.

Os elementos ativados pela abertura dos *inputs* 1 e 2, ligados aos *frames* ATOS DA ELITE POLÍTICA do país e RESTAURANTES POPULARES, respectivamente, são conectados por meio da relação vital de ANALOGIA, a qual será descomprimida em DESANALOGIA com MUDANÇA de IDENTIDADE, ao ser projetada no espaço mescla, juntamente com efeito de sentido promovido pela expressão “só que não” do *input* 3, já que o governador não frequenta o restaurante popular citado na postagem, nem fica ao lado do povo, conforme é expresso no final do *post*.

No espaço mescla, emerge a crítica irônica à atuação do governador de São Paulo. Assim, a postagem (03) consiste em um ato da fala, cuja relação vital de INTENCIONALIDADE é comprimida na expressão “#SóQueNão” como gatilho para leitura irônica, visto que o personagem sorridente que, na fotografia, almoça entre pessoas menos favorecidas atende apenas a interesses políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossas análises, constatamos que a compreensão da força discursivo-pragmática, em especial, no que tange à ironia e seu traço contrafactual, é algo complexo. Isso se deve ao fato de que, para chegar a um entendimento, o leitor necessita acionar compartimentos cognitivos não só referentes às questões linguísticas, mas também, em muitos casos, extralinguísticas. Para alcançar, portanto, o entendimento do que circunscreve a interação autor – texto – leitor de cada instanciação, faz-se extremamente necessário que esse leitor seja perspicaz e atento aos detalhes, isto é, capaz de se deslocar entre os mais diversos enquadres de sua mente.

O receptor da mensagem precisa, nesse sentido, lançar mão do maior conhecimento de mundo possível, a fim de facilitar o processo de ativações cognitivas, no qual são acionados os mais variados domínios e molduras organizacionais da mente. Esses *frames*, muitas vezes, só são acionados de modo integrado por meio das projeções mentais realizadas pelo conceptualizador. São essas projeções que ocasionam, por conseguinte, uma estrutura inédita, a qual torna possível a formulação de novos sentidos por parte do leitor.

Com base em nossa análise, pudemos perceber que, além da carga semântica de ironia, a construção “#SQN” presente nas postagens colabora com a formação da

rede de integração conceptual, uma vez que reativa, na memória do receptor da mensagem, possíveis características contrárias ao que foi dito no corpo da postagem. Ressaltemos, pois, que as informações disponíveis ao acesso do leitor só se fazem compreensíveis se realizadas dentro de um dado contexto de uso, reiterando, com isso, a importância do cenário comunicativo.

Desse modo, nosso trabalho nos permitiu comprovar a pertinência da escolha da rede de integração conceptual para a análise das postagens, visto que esse modelo analítico propiciou a descrição da criatividade presente em seu processo de elaboração. Pudemos mostrar, no decorrer de nossa análise, que a mesclagem conceptual é capaz de elucidar raciocínios encontrados na fusão dos elementos multimodais e textuais dos *posts*.

Verificamos, ainda, que o contexto situacional, muitas vezes, apenas detectado por meio de pistas expressas no texto, é responsável pelo fato de autor e leitor conseguirem realizar as devidas compressões e descompressões de conceitos, a fim de que note, por exemplo, que um enunciado que, em primeira instância, pode parecer contrário ao bom senso abarca, na realidade, a força irônica. A construção “#SóQueNão” serve, assim, como gatilho para que os leitores atentem para o fato de que devem acessar domínios diversos em sua mente para a elaboração de novos sentidos e, então, a compreensão do que está expresso nos *posts*. “#SQN” incita a elaboração de redes de integração que podem envolver um número variado de espaços mentais *input*, encontrando a razão dessa variação na densidade dos assuntos tratados nas publicações.

Com efeito, as instanciações escolhidas por nós incitaram mesclagens com um número variado de espaços de entrada. Acontecido o processamento da mescla, ocorre um reenquadre da cena discursiva devido à ironia proposta por “#SQN”. Essa construção provoca, portanto, um reenquadre da significação das postagens a partir de um novo cenário.

Constatamos que a percepção da ironia e do humor presentes em alguns *posts* só acontece quando o interlocutor muda o foco de sua leitura para novas possibilidades de interpretação e, em virtude disso, as devidas ativações mentais ocorrem, possibilitando a apreensão, sobretudo, da contrafactualidade. Percebemos, também, que o uso de recursos multimodais reforça, na grande

maioria das vezes, o conteúdo apresentado na parte textual das postagens em que figuram.

Posto isso, ao estudarmos dados advindos de interações que se dão em um ambiente virtual, somos incitados a compreender que a mudança linguística implementada por “#SQN”, trabalhada por nós em termos construcionais, é, de um modo geral, decorrente da necessidade de emergência de novos pareamentos de forma-sentido – construções – com vistas a novas formas de dizer, de se expressar. Por fim, não constitui nosso intento abarcar generalizações em virtude da natureza qualitativa de nossa pesquisa. No entanto, esperamos contribuir com estudos a serem elaborados futuramente com base no escopo teórico na Linguística Cognitiva, sob a ótica da Gramática de Construções e, sobretudo, da Mesclagem Conceptual.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- COULSON, S. **Sarcasm and the Space Structuring Model**. The Literal and the Nonliteral in Language and Thought. Berlin: Lang, 2005.
- COULSON, S. **Semantic Leaps**: Frame-shifting and Conceptual Blending in Meaning Construction. New York: Cambridge University Press, 2001.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: CUP, 2004.
- FACEBOOK. Califórnia. Disponível em: www.facebook.com. Acesso em: maio 2014 a dez. 2015.
- FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. New York: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**. New York: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, G. Mental Spaces. In: GEERAERTS, D. **Cognitive Linguistics: basic readings**. Germany: Mouton de Gruyter, 2006. p. 303-372.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The Way We Think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.
- GEERAERTS, D. **Cognitive linguistics: basic readings**. Germany: Mouton de Gruyter, 2006.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. California: Stanford University Press, 1991. v. 2.

NEVES, M. A. G. **Aspectos cognitivos na constituição da ironia**. 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PINA, A. A. O papel da mesclagem conceptual na construção do angulador “um tipo de”. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 289-301, 2006.

SANDERS, T.; SANDERS, J.; SWEETSER, E. Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives. *In*: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (org.). **Causal categories in discourse and cognition**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 19-60.

SEARLE, J. R. **Os actos de fala**: um ensaio de filosofia da linguagem. Coimbra: Almedina, 1991.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Sobre o autor

Tharlles Lopes Gervasio

Doutor em Estudos de Língua pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Mestre em Letras, com área de concentração em Linguística, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduado em Letras - Português/ Inglês e respectivas literaturas (Licenciatura), pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ). Graduado em Letras - Português/ Grego (Bacharelado), pelo Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). É professor de Português e Literaturas de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II (CPII). É membro dos grupos de pesquisa D&G-UFF, CCO-UFF, Neluc-UERJ e Lepell-CPII.